

Um passeio pelo salão

OSWALD DE ANDRADE FILHO

Vendo mais demoradamente a mostra do Salão Paulista de Arte Moderna, tivemos a impressão, certa agora, de que aquela exposição melhorou muito do ano passado para cá. Nossos artistas vão adquirindo novas possibilidades, novas formas e vão fazendo boas pesquisas que permitem o seu progresso. Não é de se admirar a qualidade que se nota no todo daquela mostra. Há, artistas que, como Mabe, trazem uma contribuição inestimável à nossa pintura. O seu trabalho é digno de figurar entre os melhores.

Enquanto visitávamos a exposição, assistíamos a uma discussão sobre "tachismo", o que revela a ansiedade, a inquietação reinantes entre nossos artistas. Não há dúvida de que o tom geral da exposição é mais tachista do que propriamente expressionista ou figurativista. Há mesmo alguns que, não percebendo, talvez, a aproximação excessiva do trabalho de Polok, deixam-se levar por um entusiasmo exagerado e reproduzem quase tudo o que se pode reproduzir num quadro daquele pintor. Se não vão mais longe, é porque essa escola não permite, como as antigas, uma copia fiel, nem que se queira estudar determinado artista.

A parte concretista também parece ter querido isolar-se um pouco; boa posição, aliás, pois permite que a gente estude melhor o trabalho desse grupo. Pessoalmente, não podemos negar o esforço que esses artistas terrivelmente românticos fazem para atingir uma forma que possa ser chamada de nova.

Ouvimos pela televisão, outro dia, uma entrevista em que Renina Katz dizia à sua interlocutora, Radá Abrhamo, que os concretistas eram bons artistas; apenas faziam arte aplicada à arquitetura ou outras formas de expressões, inclusive artesanais.

Não cremos que os nossos amigos possam ter ficado muito satisfeitos com essa opinião, pois os coloca num pé de artistas a serviço de outras manifestações e portanto não totalmente independentes.

Meu amigo Castelo Branco continua fazendo suas experiências bonitas mas sem muita modificação. Nem no espírito e nem na forma.

Muitos desses artistas acham que deve haver uma arte que, mesmo científica, deve viver por si só e que existe uma necessidade de beleza simples, formal, calculada nos seus menores detalhes. Acham também que não devia haver uma luta tão acirrada contra eles, pois Leonardo Da Vinci também calculava seus quadros. Há, porém uma diferença: apesar de eu não ser um grande entusiasta do genial academico italiano, vejo Da Vinci calculando um arcabouço para cobri-lo com uma sensibilidade extraordinária. Os concretistas procuram a beleza pura. Talvez estejam eles mais proximos dos gregos do que muitos que se acham classicos.

A premiação foi de certo modo justa, tendo correspondido às expectativas, no que respeita à pintura.

A GAZETA

29/7/59